

Os encontros e desencontros do Protestantismo Brasileiro: Lacunas que favoreceram o desenvolvimento da UCEB¹

Moisés A. Coppe²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo considerar o desenvolvimento da União Cristã de Estudantes do Brasil – UCEB, uma célula da Federação Universal do Movimento de Estudantes Cristãos – FUMEC, e as suas fases – piedade, responsabilidade social e práxis política – bem como seus aspectos teológicos e sociopolíticos que perfilarão sua ação entre jovens inconformados com os rumos das Igrejas do Protestantismo de Missão. Pretende também avaliar os desdobramentos do movimento, como fruto das lacunas geradas nos encontros e desencontros do referido Protestantismo em terras brasileiras.

PALAVRAS-CHAVE

Cristianismo, protestantismo, missão, movimento estudantil, cultura sociopolítica, revolução, renovação, piedade, responsabilidade.

ABSTRACT

This article presents the development of the Christian Union of Students of Brazil – UCEB, a cell of World Student Christian Federa-

¹ Artigo apresentado ao Congresso Cristo e Processo Revolucionário Brasileiro, promovido pela Faculdade Unida de Vitória – FUV, 17-19/05/2012.

² Doutorando em Ciências da Religião pela UMESP. Mestre em Ciência da Religião pela UFJF.

tion – WSCF, and its phases – piety, social responsibility and political practice – as well as its theological and sociopolitical aspects that followed its action among young people unhappy with the direction of the of the Mission Protestant Churches. It also seeks to evaluate the consequences of the movement as a result of gaps generated in the meetings and disagreements of the Protestantism in Brazilian lands.

KEY-WORDS

Christianity, Protestantism, mission, student movement, sociopolitical culture, revolution, renovation, piety, responsibility.

Introdução

Iniciamos o nosso artigo com uma emblemática citação de Richard Shaull: “Estava convencido de que um desenvolvimento teológico criativo dependia de diálogo dinâmico entre nossa herança de fé e a situação humana contemporânea – o que clamava pela exploração de novos caminhos e de uma nova pedagogia. Encontrava-me fascinado diante dessa nova geração, com a possibilidade de desenvolver uma teologia autenticamente brasileira que fluísse da reflexão sobre o poder de Deus na história e cultura do Brasil. Tinha certeza de que uma teologia criativa demandaria sério envolvimento dos estudantes na vida e na luta pelo seu próprio povo, e estava ansioso para encorajá-los a prosseguir nessa direção. Como missionário, e professor, uma das minhas responsabilidades era ajudar essa nova geração de pastores a avaliar criticamente o fundamentalismo e o pietismo importado por alguns missionários, e que não constituíam uma expressão autêntica da Reforma”. Essas palavras descrevem a urgência de um Protestantismo mais engajado e simbolizam o movimento estudantil conhecido como União Cristã dos Estudantes do Brasil – UCEB, afiliada à Federação Universal do Movimento Estudantil Cristão – FUMEC. A UCEB surgiu como parte de uma estratégia das Igrejas do Protestantismo de Missão, com o objetivo de alcançar os estudantes universitários com sua mensagem conversionista. Até a década de 1930, essas igrejas, implantadas no Brasil desde a segunda metade do século XIX, por meio das missões

norte-americanas, se ocupavam apenas com seu crescimento quantitativo. Posteriormente, porém, estudantes, pastores, professores e ativistas políticos mostravam-se interessados em provocar o surgimento de uma nova igreja identificada com as necessidades e anseios do povo brasileiro. Esses jovens tinham como horizonte uma igreja ecumênica e engajada na vida das pessoas e da sociedade. O desenvolvimento de suas propostas, no decorrer dos 45 anos de existência da UCEB, gerou, indubitavelmente, tensões, conflitos, perseguições e reações. Era, de fato, uma ousada “comunidade de fé” que se organizou em meio aos encontros e desencontros do Protestantismo brasileiro.

As Três fases da UCEB

Ao longo de nossas pesquisas e leituras sobre a UCEB, detectamos três fases distintas e correlacionadas que nos ajudam a compreender o desenvolvimento do movimento nos entroncamentos do Protestantismo de Missão.

A primeira fase ficou marcada pela sua ênfase mais piedosa. Ora, o movimento dos jovens seminaristas seguia o modelo das missões norte-americanas. O projeto de “salvar e educar” foi aplicado com o objetivo conversionista, de “conquistar almas para Cristo”, numa perspectiva proselitista.

Com o término da 1ª Guerra Mundial e o aguçamento da crise pós 2ª Guerra, cristãos de todo mundo começaram a se preocupar de forma mais sensível com a realidade de então, como fonte de tantas tragédias e sofrimentos. O conceito de responsabilidade social dos cristãos ganha corpo e consistência teológica, passando a ser motivação central das principais organizações internacionais do mundo protestante, como a FUMEC, e logo depois, o Conselho Mundial de Igrejas – CMI. A segunda fase da UCEB é, então, marcada pela recepção dessas novas motivações teológicas, iconizadas na ação pastoral de Jorge César Mota e, posteriormente, Richard Shaull.

A última fase da UCEB foi marcada pela ênfase na ação sociopolítica. A descoberta da política como espaço privilegiado do testemunho cristão deveu-se tanto às novas influências teológicas emanadas do mo-

vimento ecumênico como da prática existencial dos jovens estudantes, motivados pelo novo momento vivido pelo país. Ambas as influências marcaram decisivamente a vida da UCEB, colocando-a em sintonia com a atmosfera de transformação experimentada pela sociedade brasileira. Na década de 1940, a UCEB passou a ser perfilada pelo inconformismo e a contestação diante do injusto quadro social brasileiro. Por isso, os jovens de várias denominações protestantes que não encontravam respostas às suas inquietações nos espaços destinados ao estudo da Bíblia nas igrejas, buscavam apoio e sentido nos grupos de estudos deste movimento. Além desse aspecto, a UCEB sempre promoveu o diálogo ecumênico. Inclusive, na sua fase mais politizada, a aproximação com a Juventude Universitária Católica – JUC e com os dominicanos se caracterizou como uma ação de vanguarda. Foi no borbulhar das crises sociais presentes na década de 1960 que esses diálogos se aprofundaram. O Concílio Vaticano II (1962 a 1965) e as Conferências Episcopais Latino-americanas de Medellín (1968) e de Puebla (1979), bem como a expressiva afirmação da “opção preferencial pelos pobres”, favoreceram a criação de novas entidades promotoras da aproximação de lideranças de ambos os lados – católicos e protestantes.

Encontros e desencontros do protestantismo no Brasil: lacunas que favoreceram o desenvolvimento da UCEB

A UCEB se constituiu paulatinamente no bojo da Matriz Religiosa Brasileira, expressão cara a Bittencourt Filho³. De fato, a UCEB é fruto de contigências da matriz europeia e protestante, que aqui designamos encontros e desencontros dos Protestantismos Brasileiros⁴. Ao abordarmos o desenvolvimento da UCEB, é preciso fazer algumas considerações sobre os primeiros passos do Protestantismo em terras brasileiras.

³ BITTENCOURT FILHO, José. **Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social**. Petrópolis: Vozes/ Koinonia, 2003, p. 27.

⁴ DIAS, Zwínglio Motta. Evangelho e ideologia: uma mistura não premeditada (o caso do protestantismo brasileiro). *In*: ALVES, Rubem et all. **Fé cristã e ideologia**. Piracicaba: Editora da UNIMEP/Imprensa Metodista, 1981, p. 87.

A inserção do Protestantismo deu-se, basicamente, pela ação dos imigrantes europeus e dos missionários norte-americanos imbuídos da ideologia do “Destino Manifesto”⁵. Decorre dessa inserção que “as formas religiosas, a religiosidade e a espiritualidade brasileiras, foram desde logo rejeitadas pelas missões como fazendo parte do acervo pagão que o catolicismo romano há séculos tolerava e mesmo incorporava”⁶. Além dessa “demonização” das expressões culturais brasileiras por parte das missões, o Protestantismo, ao chegar ao Brasil, era, em suas formulações, expressão do *american way of life* e, portanto, muito distante dos valores e formas da cultura brasileira. Apesar do nítido hiato social e cultural entre Brasil e EUA, este não foi percebido pelos portadores da nova proposta religiosa, fazendo com que o Protestantismo aqui implantado se tornasse um corpo estranho⁷.

Por outro lado, não podemos deixar de expressar os esforços dissonantes de líderes e pensadores protestantes preocupados com a fragmentação das igrejas e empenhados na construção de uma unidade mínima entre os evangélicos. Bittencourt Filho assim aponta:

Faz-se necessário registrar o empenho de alguns pioneiros que, ainda nos primórdios da implantação do Protestantismo, propuseram um modelo de evangelismo que considerasse as peculiaridades da formação nacional brasileira, muito embora suas proposições não tivessem alcançado a devida ressonância na prática

⁵ A expressão Destino Manifesto foi primeiramente utilizada por John L. O’Sullivan, num artigo escrito em 1839, mas só publicado em 1845. Neste artigo, se defendia que os EUA estavam destinados a realização dos melhores feitos e a manifestar para a humanidade a excelência dos princípios divinos, eles seriam a nação do progresso, da liberdade individual e da emancipação universal, e não haveria dúvidas de que, no futuro, seria a maior de todas. A partir deste, percebe-se a intenção de ampliação dos princípios americanos pelo mundo. Conf. <http://www.meuartigo.br/brasilscola.com/historia-geral/estados-unidosdestino-manifesto.htm>. Acesso em 22 de janeiro de 2009.

⁶ BITTENCOURT FILHO, José. **Matriz religiosa brasileira**, pp. 87-88.

⁷ DIAS, Zwínglio Motta. Evangelho e ideologia: uma mistura não premeditada (o caso do protestantismo brasileiro). In: ALVES, Rubem et al. **Fé cristã e ideologia**, p. 89.

das denominações. Referimo-nos, especificamente, aos líderes e pensadores José Manuel da Conceição, Eduardo Carlos Pereira e Erasmo Braga.⁸

De fato, os encontros e desencontros da “aventura protestante” em terras brasileiras provocaram movimentos centrífugos e centrípetos na estrutura interna do próprio Protestantismo. Por exemplo, no fim do século XIX e início do século XX, o Protestantismo de Missão vai:

Impor-se como um elemento de ruptura e de renovação cultural, ao fazer coincidir o seu discurso anticatólico com as premissas básicas do modelo liberal de sociedade. Ao converter brasileiros católicos, o Protestantismo de Missão parecia estar também lançando as bases para a formação de um novo tipo de cidadão: moderno, liberal, responsável por si mesmo, e apto a tornar-se o protagonista de novas relações sociais.⁹

Entretanto, essa estratégia funcionou por breve tempo, pois a concepção não levava em conta as profundas contradições sociais, nem a natureza da formação cultural brasileira¹⁰. Com a “crise da hegemonia” das velhas classes agrárias ante a emergência de novas forças sociais urbanas, ocorre a emergência das massas trabalhadoras no cenário político nacional¹¹. De Vita afirma ser este o fato mais significativo da política e da sociedade brasileira nos últimos decênios. É importante que se diga que o advento da industrialização e da urbanização

encontra um Protestantismo que havia sido ‘congelado’ em sua mundividência e em sua proposta religiosa, perde interlocutores e se vê transformado numa espécie de subcultura de refúgio para se-

⁸ BITTENCOURT FILHO, José. **Matriz religiosa brasileira**, p. 88.

⁹ BITTENCOURT FILHO, José. **Matriz religiosa brasileira**, p. 124.

¹⁰ BITTENCOURT FILHO, José. **Matriz religiosa brasileira**, pp. 124-125.

¹¹ DE VITA, Álvaro. **Sociologia da sociedade brasileira**, p.188. Para melhor aprofundamento do tema, leia as considerações deste autor no subitem: Estado e classes populares urbanas.

tores populares e médios, objetivamente impedidos de ascenderem socialmente.¹²

Nesse arcabouço visualizado sucintamente, Shaull publicou pela UCEB, em 1953, o livro: *Cristianismo e Revolução Social*. Nele, Shaull faz uma leitura histórica do significado do marxismo. Discute as ideias de Marx e Lênin, aponta suas limitações e destaca a proposta comunista como um projeto de salvação para a humanidade. Sobre o comunismo, Shaull aponta que ele está armado com uma ideologia capaz de enfrentar o tempo de transições, possuindo, inclusive, “uma força religiosa capaz de mover os corações de homens e mulheres, através do mundo inteiro”.¹³ Na contramão dessa constatação, Shaull revela seu incômodo com a apatia do Cristianismo. Isso fica claro na assertiva:

O Comunismo, e não o Cristianismo, é que tem se identificado com as massas sofredoras. O interesse pela justiça social está inscrito através da Bíblia inteira; mas o Comunismo é que tem tomado a dianteira na luta contra a injustiça e contra a exploração, ao passo que nós temos vivido gozando complacentemente das coisas boas da terra. A nossa fé desafia-nos a nos oferecermos como sacrifícios vivos, mas o Comunismo envergonha-nos, quando nos mostra o que realmente significa, em nosso tempo, uma vida de sacrifício.¹⁴

Shaull almeja dar uma resposta cristã ao Comunismo. E ele propõe que o Cristianismo examine a sua responsabilidade social e política em face dos vários aspectos da crise mundial¹⁵. A perspectiva da responsabilidade política dos cristãos não tem a ver com a busca de poder, mas de “dar testemunho a respeito de Jesus Cristo em todas as esferas da vida, bem como afirmar e interpretar a significação de Sua soberania em todas as estrutura da sociedade”¹⁶.

¹² BITTENCOURT FILHO, José. **Matriz religiosa brasileira**, p. 125.

¹³ SHAULL, Richard. **O Cristianismo e a Revolução Social**. São Paulo: Imprensa Metodista/UCEB, 1953, p. 20-21.

¹⁴ SHAULL, Richard. **O Cristianismo e a Revolução Social**, p. 51.

¹⁵ SHAULL, Richard. **O Cristianismo e a Revolução Social**, p. 64.

¹⁶ SHAULL, Richard. **O Cristianismo e a Revolução Social**, p. 73.

A discussão acerca da responsabilidade política dos cristãos estava na pauta de reflexão de Shaul e de outros teólogos ligados à Confederação Evangélica do Brasil (CEB), à UCEB e demais organizações de foro ecumênico. De qualquer forma, a conjuntura sociopolítica das décadas de 50 e 60 repercutiu em toda a América Latina e desembocou numa série de movimentações ecumênicas, algumas delas mediadas pelo CMI por meio de sua Comissão de Igreja e Sociedade. Um exemplo dessa mediação se deu na Conferência sobre Igreja e Sociedade, promovida em São Paulo, em 1953, que, somada a outros esforços como as Conferências Evangélicas Latino-Americanas (CELAS), resultou na formação da Junta Latino-Americana de Igreja e Sociedade, mais conhecida pela sigla ISAL (Igreja e Sociedade na América Latina), em 1961. Essa organização passou a congregar, então, os setores politizados das igrejas, ocupados com a questão da presença dos cristãos nas sociedades latino-americanas¹⁷.

Não podemos deixar de ressaltar o fato de que em 1955, a CEB implantou o Setor de Responsabilidade Social, originalmente chamado de Comissão Igreja e Sociedade, um ano depois da segunda assembleia do CMI. Fazem parte da Comissão também ucebianos, como Waldo César, Claudius Cecon, Barbara Hall, Edir Cardozo e Richard Shaul. Esse Setor promoveu três consultas e uma importante conferência, que movimentaram líderes, intelectuais e militantes de diversos grupos: a Primeira Consulta sobre Responsabilidade Social da Igreja”, em 1955; a segunda consulta: “As igrejas e as rápidas transformações sociais”, em 1957; “A presença da igreja na evolução da nacionalidade”, em 1960. E em 1962, nos dias 22 a 29 de julho, o encontro no Recife que ficou conhecido como “Conferência do Nordeste”, o primeiro encontro entre marxistas e cristãos em terras brasileiras e que teve como lema “Cristo e o processo revolucionário brasileiro”. Segundo Bittencourt Filho, foi o mais importante evento ecumênico que o Protestantismo Histórico já pôde promover¹⁸. Na mesma linha de pensamento, Santos corrobora:

¹⁷ DIAS, Zwinglio Mota. O movimento ecumênico: história e significado, pp. 147-149.

¹⁸ BITTENCOURT FILHO, José. Matriz religiosa brasileira, p. 142.

A Conferência foi um marco no engajamento político da CEB e contou com a participação de 167 pessoas de 16 estados. Foram discutidas questões como a consciência dos problemas sociais, o envolvimento da Igreja com a realidade social, a análise das soluções e novas diretrizes de ação. Intelectuais importantes participaram da histórica conferência, com Celso Furtado, Gilberto Freire e Paul Singer.¹⁹

Como se pode perceber, nas distintas Conferências os temas eram correlatos e caracterizavam o momento sociopolítico brasileiro. Huff Júnior assim expressa:

Responsabilidade social, rápidas transformações, nacionalidade, revolução, evangelização e ecumenismo são alguns exemplos. Ao redor desses conceitos e termos deu-se o debate e as lutas políticas até o arrefecimento daquela primeira fase de politização do movimento ecumênico por ocasião da instauração da ditadura militar, em 1964.²⁰

O que estava em jogo na perspectiva teológica dos diversos grupos, movimentos e organizações cristãs era justamente a ação política que visava à modificação interna das estruturas econômicas e sociais do país, em cooperação com os grupos sociais sem vinculação cristã. Mas enquanto se revelava toda essa efervescência teológica, setores conservadores do Protestantismo Brasileiro se alinhavam e reproduziam a teologia pietista de grupos evangélicos norte-americanos. E quando o Brasil ingressa no clube do capitalismo, mais precisamente no período denominado “Anos JK”,

¹⁹ SANTOS, Lyndon Araújo. O púlpito, a praça e o palanque: os evangélicos e o regime militar brasileiro. In: FREIXO, Adriano e MUNTUEL FILHO (org.). *A Ditadura em debate: estado e sociedade nos anos de autoritarismo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005, p. 171.

²⁰ HUFF JÚNIOR, Arnaldo Érico. *Responsabilidade social e revolução no movimento ecumênico brasileiro dos anos 50 e 60*. São Paulo: Universidade Presbiteriana do Mackenzie (IV Congresso Internacional de Ética e Cidadania, 21-23 de outubro de 2008).

a tão acalentada modernização econômica, política e cultural do País propalada pelas missões estaria finalmente realizada. Assim como a história do Brasil havia completado um ciclo, nesse período, o Protestantismo brasileiro havia chegado a um limite, qual seja, o da realização do projeto de sociedade subjacente às missões.²¹

Desde a nebulosa abertura democrática da Carta Magna de 1946, que afirmava o direito de todos à educação aliado à regra: “o ensino ministrado pelos poderes públicos”²², ampliava os esforços de alguns partidos políticos com o intuito de reformular a estrutura educacional do país. Ora, tal processo não se deu sem conflitos entre os defensores do ensino público e os partidários da escola privada²³. Todas essas mobilizações exerceram uma forte influência em toda uma geração de jovens que, inspirada pelas propostas marxistas, viam a possibilidade de instaurar no país aquilo que viria a ser apelidado como “processo revolucionário brasileiro”. A lógica desse movimento estrutural que contava com estudantes, trabalhadores urbanos e rurais e uma parcela da burguesia urbana, visava à construção de uma ordem social sem disparidades grotescas. É nesse processo de efervescência ideológica que a conscientização cresce de forma significativa, principalmente entre os grupos estudantis. A UCEB e as concepções teológicas insurgentes no seu arcabouço se constituiu numa significativa tentativa de “reavivamento” da mensagem “revolucionária” de Cristo, bem como a fomento de um engajamento mais efetivo em termos sociopolíticos. Diríamos, finalmente, que o desenvolvimento da UCEB em suas três fases distintas se caracterizou pelo deslocamento oportunizado por causa dos encontros e desencontros da aventura Protestante no Brasil.

²¹ BITTENCOURT FILHO, José. **Matriz religiosa brasileira**, p. 125.

²² PILETTI, Nelson. **História da educação no Brasil**. São Paulo: Ática, 1997, p. 99.

²³ Por exemplo, em 1956, “o padre deputado Fonseca e Silva, em discurso no Congresso Nacional, atacou Anísio Teixeira, então diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP) e Almeida Júnior, relator do projeto original da LDBEN, acusando-os de ‘elementos criptocomunistas’ que desejavam ‘destruir as escolas confessionais’”. Para o padre deputado, as teses de Teixeira e Júnior favoreciam as teses comunistas. Segundo Giraldelli Jr., é a partir daí que o debate extrapola a sociedade política (Congresso Nacional) e amplia-se para a sociedade civil.

Conclusão

Temos consciência da dificuldade de se tratar um tema tão vigoroso e extenso como este. Cabe dizer, nestas últimas linhas, que esta comunicação precisa múltiplos desdobramentos. Existem muitos detalhes ainda a serem salientados quanto à história deste movimento estudantil de jovens protestantes que almejou a “oikoumene” em diálogo com as esferas da justiça e da dignidade humana. São muitos os elementos que podem permitir a recriação de todos os processos vivenciados pela UCEB e, quem sabe, favorecer a ressignificação desse novo tempo marcado pelo pluralismo em todas as dimensões da vida social.

Os ucebianos descobriram ao longo da trajetória do movimento criativas e responsáveis maneiras de se expressar perante a sociedade e suas respectivas comunidades de fé. Os estudantes foram sujeitos históricos que procuraram ser a Igreja na nova fronteira. A UCEB foi um movimento autenticamente brasileiro, formado por estudantes das diversas vertentes denominacionais oriundas do protestantismo de missão. E considerando os seus primórdios no modelo norte-americano, o seu desenvolvimento aqui deu-se em resposta às exigências do momento histórico experimentado pela sociedade brasileira. Como toda organização humana, viveu tensões e conflitos, perseguições e reações as mais diversas caracterizando-se, desde seus primeiros momentos, como um movimento ecumênico e inclusivo. Aqueles estudantes ligados ao movimento se lançaram em novos espaços sociais e buscaram a evidência de uma sociedade mais justa e igualitária. Não se tratava somente de uma percepção politizada, mas também de um comprometimento segundo a lógica da dimensão conhecida entre os protestantes como *Reino de Deus*. O ecumenismo na UCEB não era um item na agenda de trabalho, mas sim a sua essência.

A juventude vanguardista da UCEB experimentou a pressão das Igrejas e múltiplos sentimentos se espalharam na memória, ainda engajada, dos seus remanescentes. Aliás, são estes que continuam a esboçar reações, mesmo no atual momento da história, seguindo, talvez, a lógica poética de Dom Hélder Câmara: “Que toda palavra nasça da ação e da meditação. Sem ação ou tendência à ação ela será apenas teoria que se juntará ao excesso de teoria que está levando os jovens ao desespe-

ro. Se ela é apenas ação sem meditação ela acabará no ativismo sem fundamento, sem conteúdo, sem força... Presta honras ao Verbo eterno servindo-te da palavra de forma a recriar o mundo”.²⁴

É na recriação do mundo que as dimensões sonhadas e almeçadas por aquela juventude de estudantes protestantes e pelos seus remanescentes continuam a se aplicar, em ações e meditações do ecumenismo no Brasil. Basta-nos abrir os olhos.

Referências Bibliográficas

- ALVES, Rubem. **Dogmatismo e tolerância**. São Paulo: Paulinas, 1982.
- ALVES, Rubem. **Protestantismo e repressão**. São Paulo: Ática, 1979.
- BITTENCOURT FILHO, J. et al. **Novos movimentos religiosos na igreja e na sociedade**. São Paulo: AM Edições, 1996.
- BITTENCOURT FILHO, J. **Matriz religiosa brasileira**. Petrópolis: Vozes/Koinonia, 2003.
- BITTENCOURT FILHO, José. Da marginalização à proscricção na América Latina. In: RIBEIRO, Cláudio de Oliveira e BITTENCOURT FILHO, José. **Por uma nova teologia latino-americana: a teologia da proscricção**. São Paulo: Paulinas, 1996.
- BOSCH, David J. **Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão**. São Leopoldo: Sinodal, 2002.
- BOTAS, Paulo Cezar. A busca do elo perdido: teologia e revolução. In: RIBEIRO, Cláudio de Oliveira e BITTENCOURT FILHO, José. **Por uma nova teologia latino-americana: a teologia da proscricção**. São Paulo: Paulinas, 1996.
- CÂMARA, Dom Hélder. **O deserto é fértil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976, p. 101.
- CUNHA, Magali. **Crise, esquecimento e memória: o Centro Ecumênico de Informação e a construção da identidade do Protestantismo Brasileiro**. Rio de Janeiro: UNI-Rio, 1997, (Dissertação de Mestrado).

²⁴ CÂMARA, Dom Hélder. **O deserto é fértil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976, p. 101.

- DIAS, Zwínglio M. **Discussão sobre a Igreja**. Petrópolis: Vozes, Tempo e Presença, 1975.
- DIAS, Zwínglio Motta. Evangelho e ideologia: uma mistura não premeditada (o caso do Protestantismo Brasileiro). In: ALVES, Rubem et al. **Fé cristã e ideologia**. Piracicaba: Editora da UNIMEP/ Imprensa Metodista, 1981.
- FARIA, Eduardo Galasso. **Fé e compromisso: Richard Shaull e a teologia no Brasil**. São Paulo: ASTE, 2002.
- FERNANDES, Wilson e MOTA, Jorge César. **Histórico da União Cristã de Estudantes do Brasil**. São Paulo: Edição do autor, 1945.
- GROPPO, Luís Antônio. **Uma onda mundial de revoltas: movimentos estudantis de 1968**. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2005.
- HUFF JÚNIOR, Arnaldo Érico. Responsabilidade Social e Revolução no Movimento Ecumênico Brasileiro dos anos 50 e 60. São Paulo: Universidade Presbiteriana do Mackenzie, **IV Congresso Internacional de Ética e Cidadania** (material cedido pelo autor).
- LEONARD, Émile G. **O Protestantismo Brasileiro**. São Paulo: ASTE, 1963.
- MENDONÇA, Antônio Gouveia de e VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola/Ciências da Religião, 1990.
- MENDONÇA, Antônio Gouveia de. **O Celeste Porvir**. São Paulo: UMESP, 2002.
- MENDONÇA, Antônio Gouveia de. **Protestantes, pentecostais & ecumênicos**. São Paulo: UMESP, 1997.
- MOTA, Jorge César. O Estudante Cristão. In: **Serie Excelsior**. Vol. 1. São Paulo [s/e], 1948.
- NETO, Luiz Longuini. **O novo rosto da missão: os movimentos ecumênico e evangelical no protestantismo latino-americano**. Viçosa: Ultimato, 2002.
- NIEBUHR, H. Richard. **As origens sociais das denominações cristãs**. São Paulo: ASTE, 1992.
- PIEDRA, Arturo. **Evangelização protestante na América Latina**. São Leopoldo: Sinodal; Equador: CLAI, 2006.
- PLOU, Dafne Sabanes. **Caminhos da unidade: itinerário do diálogo ecumênico na América Latina**. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

- POTTER, Philip e WIESER, Thomas. ***Seeking and serving the truth: The first hundred years of the World Student Christian Federation***. Switzerland: World Council of the Churches, 1997.
- REILY, Duncan Alexander. **História Documental do Protestantismo no Brasil**. São Paulo: ASTE, 2003.
- SHAULL, Richard. **O cristianismo e a revolução social**. São Paulo: União Cristã de Estudantes do Brasil, 1953.
- SHAULL, Richard. **Somos uma comunidade missionária**. São Paulo: Imprensa Metodista, 1957.
- SHAULL, Richard. **Surpreendido pela graça**. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- TEIXEIRA, Faustino e DIAS, Zwínglio Mota. **Ecumenismo e diálogo inter-religioso: a arte do possível**. Aparecida: Santuário, 2008.
- TUCKER, Ruth. **“... Até aos Confins da Terra”**. São Paulo: Nova Vida, 1986.
- UCEB. **Introdução ao primeiro estudo**. Cadernos da UCEB, s/d, s/c.